

**POR UMA HISTÓRIA SOCIAL DA ARQUITETURA**  
**OS TRABALHADORES ITALIANOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL PAULISTA**  
**1870-1930**

Paula F. Vermeersch<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo valoriza a importância de uma história social da arquitetura, em especial a especificidade da história dos trabalhadores italianos na construção civil paulista no período de 1870 a 1930, portanto desde o momento imediatamente anterior à instauração da República, passando por toda a Primeira República até a Revolução de 1930.

**Palavras-chave:** Arquitetura. Trabalhadores italianos. História social.

Em 1906, o jornal Fanfulla<sup>2</sup>, publicou um livro, **Il Brasile i gli italiani**<sup>3</sup>. A obra, em esmerada edição, mais de mil páginas, escrita no toscano tornado língua oficial pela República itálica, papel de alta qualidade, farto material ilustrativo, cartográfico e fotográfico, buscava aproximar o público italiano de um dos países que, naqueles anos, mais recebia imigrantes de sua recém-unificada nação. Fica evidente, no livro, o esforço em apresentar um Brasil rico, próspero, cheio de oportunidades, sem conflitos. Não há negros nos capítulos, nenhuma referência ao passado de escravidão, nem tampouco menção aos sérios acontecimentos envolvendo a colônia italiana em vários lugares - como os vários processos movidos por imigrantes contra agentes da imigração, fazendeiros e vice-versa, que já estampavam as páginas dos jornais nos dois lados do Atlântico.

---

<sup>1</sup> Docente em História da Arte e da Arquitetura- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp- campus de Presidente Prudente. O presente artigo parte do Projeto Trienal “Trabalhadores italianos na construção civil paulista oitocentista”, apresentado quando do ingresso no quadro da Universidade. Agradeço a Ricardo Pires de Paula e Antônio Thomaz Júnior pela acolhida dos dois-tema e pesquisadora- no Extremo Oeste paulista.

<sup>2</sup> Criado por imigrantes italianos em 1893, e veiculado em italiano, logo se tornou a segunda maior circulação em periódicos na cidade de São Paulo, perdendo apenas para O Estado de São Paulo. Sobre o jornal, suas posições políticas e ideológicas e o caráter ambivalente destas frente à massa de trabalhadores imigrantes, consultar Marina Consolmagnò, **Fanfulla: perfil de um jornal de colônia, 1893-1915**. Dissertação de mestrado. FFLCH-Usp, 1993.

<sup>3</sup> **Il Brasile i gli italiani**. São Paulo: Pubblicazione del Fanfulla, 1906. Existem exemplares nas Seções de Obras Raras da FFLCH-Usp e da Biblioteca Central da Escola Politécnica-Usp, e no Museu Paulista.

Pode-se dizer que a equipe do jornal paulistano tentou se juntar aos esforços, movidos pelas autoridades brasileiras, sobretudo paulistas, em desfazer a imagem altamente negativa do Brasil como lugar de chegada. Tal imagem ficou rapidamente estabelecida- se considerarmos que a imigração oficial, em massa, iniciou-se regularmente em São Paulo a partir de 1888, ano da fundação da Hospedaria dos Imigrantes, complexo oficial de recebimento, triagem, e onde o “sanitarismo” e “higienização” muitas vezes estavam a serviço de cruéis práticas de controle social. Há muito o que discutir nos discursos e imagens de **Il Brasile i gli Italiani**; neste artigo, porém, o foco está nas últimas páginas do volume.

Nestas, há uma listagem de imigrantes, com nome e endereço, divididos por ofícios. A colônia italiana, na cidade de São Paulo, aparece como um pequeno mundo onde os homens se reconhecem pelas suas ocupações. Não é de se espantar, observando a lista, que muitos italianos residentes na capital paulista fossem ligados aos processos produtivos da construção civil.

Essa tendência dos italianos em se encaminharem para o ofício de pedreiros, mestres-de-obras, oleiros, carpinteiros, havia começado nas décadas anteriores- descobertas recentes de documentos atestam que essa presença italiana na construção civil possa ter se iniciado por volta de 1870, em Campinas, cidade sede da chamada expansão cafeeira. De fato, o Museu Arquidiocesano campineiro guarda relatórios e cadernos de ponto de operários da Obra da Matriz Nova, ou seja, das diversas fases da construção, acabamento e decoração da Igreja de Nossa Senhora da Conceição<sup>4</sup>.

Fazendo um exame preliminar dos nomes que aparecem no Caderno de Ponto dos Operários da Matriz Nova campineira e na lista das últimas páginas do livro de propaganda da Fanfulla, é de se supor que alguns destes profissionais possam ter se associado a Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928), engenheiro-arquiteto campineiro que, recém-formado na Bélgica, assumiu o canteiro de obras da igreja de sua terra natal, e que

---

<sup>4</sup> Esta documentação, na sua maior parte inédita, é de toda a construção do templo, iniciada em 1807 e terminada em 1883. As nossas indagações, aqui, interessa sobremaneira os intitulados Cadernos de Ponto dos Operários da Matriz Nova, pequenos volumes que contém as informações básicas sobre quem estava no canteiro de obras, em qual função, e em tal data. Uma visão mais geral da construção e decoração do templo está em LEITE, Ricardo. **Catedral Metropolitana de campinas. Um templo e sua história**. Campinas: Editora Komedi, 2004

depois fundou em São Paulo o mais importante escritório de Arquitetura da virada do século. Carlos Lemos cita estes “associados” italianos do escritório de Ramos<sup>5</sup>- sem, no entanto, nomeá-los nem tecer maiores considerações sobre suas origens, formações e atuações em seu país natal e no Brasil.

É muito comum, em publicações didáticas para o público em geral sobre o Patrimônio Arquitetônico paulistano, e mesmo em textos acadêmicos, a menção aos italianos construtores da “São Paulo do café”. O nome mais recorrente é o de Domiziano de Rossi (datas desconhecidas) projetista do escritório de Ramos de Azevedo responsável pela concepção do Teatro Municipal. O Municipal será, indubitavelmente, um dos principais marcos dessa Arquitetura feita pelos italianos em São Paulo- marcada pela ornamentação das fachadas e pelo início da utilização, em larga escala, do cimento e do tijolo.

Com a expansão do café no Oeste paulista, esses profissionais encontraram em Campinas, Itu, e São Paulo, novas possibilidades. Origem de uma grande inflexão italiana na Arquitetura brasileira, a ação desses primeiros agentes da ligação Brasil-Itália, na virada do século XX, permanece, porém, em muitos pontos obscura, mesmo em textos fundamentais da História da Arquitetura brasileira.

Numa dessas obras, Yves Bruand escreve: “Até por volta de 1880, a cidade de São Paulo tinha o aspecto de um burgo colonial e apenas algumas residências dos plantadores de café inspiravam-se nos modelos em voga na capital imperial. A ruptura com a tradição local, ocorrida em 1878 com o Grand Hotel do alemão Puttmaker, só se firmou com a construção do monumento comemorativo da Independência (atualmente Museu Paulista, no bairro do Ipiranga), vasta construção com arcadas e ordem coríntia, sem originalidade nem poesia, mas de proporções corretas. Projetada pelo italiano Tommazio Bezzi e construída entre 1882 e 1885 por seu compatriota Luigi Pucci, essa obra teve grande repercussão e inaugurou a era italiana em São Paulo. Com efeito, a influência peninsular foi tão profunda em São Paulo quanto a da França no Rio de Janeiro, embora por motivos diferentes. A enorme imigração italiana levou a São Paulo mão-de-obra abundante, compreendendo vários artesãos e pedreiros formados nos canteiros de obra de seu país de origem; era uma

---

<sup>5</sup> LEMOS, Carlos. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993

ótima oportunidade para os arquitetos italianos, que também vieram em grande número; a maioria estabeleceu-se na cidade em definitivo, enquanto alguns, como Pucci, que retornou em 1896, voltaram à sua pátria depois de alguns anos”<sup>6</sup>.

Bruand, porém, não se preocupa em caracterizar com muitos detalhes estes personagens de origem italiana; para o autor, estes agentes foram responsáveis pela execução de obras marcadas por um “Eclétismo sem originalidade”, blocos retangulares com fachadas ornamentadas com exagero, que tomaram o lugar das sólidas construções em taipa. De tal período obscuro, a Arquitetura brasileira só saiu graças à ação de Gregori Warchavchik (1896-1972), arquiteto de origem ucraniana que, em 1925, em São Paulo, publicou o artigo considerado o primeiro manifesto da Arquitetura moderna no país, e que Bruand publicou, como Apêndice, ao seu livro<sup>7</sup>.

De fato, a visão de Bruand, de que os italianos em São Paulo construíram edifícios ecléticos de “mau gosto”, impediu uma investigação mais apurada do assunto. Mesmo numa monografia dedicada ao assunto, datada da década de 50 e publicada primeiramente em italiano, e apenas em 1981 em português <sup>8</sup>, os construtores itálicos muitas vezes são arrolados como os “colaboradores italianos de Ramos de Azevedo”. Faltam nomes, identidades, biografias, datas e informações mais precisas sobre a formação destes agentes.

Maria Cecília Naclério Homem, que identifica, na expansão arquitetônica italiana na cidade de São Paulo, o fenômeno da ascensão social do imigrante, mesmo ao fazer a “defesa”, na historiografia, de tais personagens, põe em dúvida a formação destes: “Alguns (italianos) se auto-promoveram a arquitetos, assinando, como tais, as plantas da

---

<sup>6</sup> BRUAND, Yves. “De um Eclétismo sem originalidade à afirmação internacional da Nova Arquitetura Brasileira (1900-1945)”, in **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981, p.38.

<sup>7</sup> É interessante notar que Bruand não se pronuncia quanto ao fato de que o artigo de Warchavchik foi publicado primeiramente em italiano, sob o título de “Futurismo?”, no periódico *Il Piccolo*, em 15 de junho de 1925. A tradução do texto, intitulada “Acerca da Arquitetura Moderna”, foi publicada pelo *Correio da Manhã*, jornal do Rio de Janeiro, apenas em 1 de novembro de 1925. É evidente que Warchavchik se endereçou à comunidade de construtores italianos, que efetivamente estavam presentes em todas as áreas do processo produtivo da construção paulistana; mas quem seriam estes interlocutores de origem italiana de Warchavchik, em 1925? Talvez a resposta esteja na investigação da chegada desses agentes em São Paulo, na divisão destes por setor (olarias, projeto, equipes de operários, etc.).

<sup>8</sup> DEBENEDETTI, Emma, SALMONI, Anita. **Arquitetura Italiana em São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

Prefeitura.”<sup>9</sup> Seriam os casos de Calcagno e Irmão, Ambrogi e Giacometti Beltani, nomes que aparecem na documentação do escritório de Ramos de Azevedo.

A autora destaca a atuação dos profissionais de origem italiana na elaboração das fachadas ornamentadas ao gosto do tempo, e a utilização do tijolo, permitindo uma maior “sofisticação” na Arquitetura paulista, e afirma: “Deve-se também aos italianos o tipo de casa dita de operário, que se difundiu pelos bairros proletários e médios, feitas pelos próprios moradores ou pelos mestres e pedreiro. Eram simples, geminadas, iguais, no alinhamento das ruas e divididas entre si por uma parede fina. Obedeciam sempre ao mesmo esquema, que se repetia em casas de bairros médios, em maiores proporções, seguindo as posses do proprietário: entrada lateral, fila de cômodos dando para o corredor, até chegar à cozinha e abrir-se para um quintal. Definiram-nas como cubos ou caixotes com decoração aplicada ao gosto neoclássico.”<sup>10</sup>

Essa visão negativa da contribuição italiana na Arquitetura brasileira encontrou um oponente no crítico e historiador Pietro Maria Bardi. Para PBardi, São Paulo do final do século XIX era, felizmente, “uma cidade italiana”<sup>11</sup>, porque os italianos se notabilizaram na resolução de problemas técnicos: o engenheiro Alcibiade Bertoloti se tornou diretor de uma das repartições do Departamento de Obras Públicas de São Paulo, assim como Bianchi Bertoldi: “Seria este mais um capítulo da emigração italiana que, se reverteu mão-de-obra para os nossos campos e oficinas, transplantou também generosos agitadores, empenhados na difusão e organização sindicalista”<sup>12</sup>.

Bardi destaca várias obras concebidas e executadas por italianos no estado de São Paulo, como as Oficinas e a Sede da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em Campinas, construídas em Campinas pelos “Irmãos Andrea e Giacomo Masini”, a empresa conhecida como Massini Companhia.

---

<sup>9</sup> HOMEM, Maria Naclério. **O prédio Martinelli: a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo**. São Paulo: Projeto, 1984, p.35.

<sup>10</sup> Idem, ibidem.

<sup>11</sup> BARDI, Pietro Maria. **Contribuições dos italianos na Arquitetura Brasileira**. Belo Horizonte: Fiat do Brasil, 1981, p.44. Voltando ao caso da Matriz Nova de Campinas, sem a mão-de-obra italiana e a ação enérgica de Bonini, que aparece na documentação, talvez o resultado obtido na edificação tivesse demorado bem mais.

<sup>12</sup> BARDI, Pietro Maria. Op. cit., p.46.

Bardi deixou a seguinte proposição: “Os italianos chegados à nova terra encontraram uma série de dificuldades graves a serem superadas: o clima, a língua, os costumes, o sistema de trabalho, as pessoas, que eram diferentes dos que haviam deixado; provavelmente diferentes mesmo de como eles o haviam imaginado. Para resistir e vencer deviam muito espírito de adaptação e uma grande tenacidade. E nós imaginamos que nas casinhas, que apareceram aos milhares no fim do século, os imigrados que em muitos casos as construíram materialmente com as próprias mãos, eles tenham encontrado um refúgio”<sup>13</sup>.

Tal visão mais “positiva” da ação dos construtores italianos em São Paulo também é compartilhada por Benedito Lima de Toledo, que elogia a “tenacidade” e “esforço” dos imigrantes: “Ao lado dos arquitetos aparecem os ‘capomastri’, aptos a executar qualquer projeto, por mais rebuscada que fosse a composição da sua fachada”<sup>14</sup> (p.13)

Algumas iniciativas de pesquisa recentes<sup>15</sup> já apontam a importância da revisão desta parte da historiografia da Arquitetura brasileira<sup>16</sup>. A descoberta de novas fontes e da interpretação destas é promissora e contribuiria para a formação de um campo de pesquisa sobre o assunto, no interior do Estado de São Paulo.

Trata-se, portanto, de formular hipóteses para uma História Social da Arquitetura- uma História que parta do estudo das classes trabalhadoras, dos nomes das listagens dos cadernos de ponto e dos ofícios. A investigação busca elucidar quem eram esses trabalhadores- e entendê-los não como coadjuvantes num processo teleológico de formação da Arquitetura moderna no Brasil- ou até “antagonistas” do bom gosto modernista e agentes refratários do “progresso” - mas como os principais responsáveis por novas configurações de processos produtivos nos canteiros. Sem entrar primeiro em questões de valor estético das edificações, e considerando os produtores dos espaços construídos, a historiografia da Arquitetura consiga dar conta de uma tarefa proposta por E.P. Thompson:

---

<sup>13</sup> Idem, ibidem.

<sup>14</sup> TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: “Belle Époque”**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, p.13.

<sup>15</sup> Como o portal São Paulo, os estrangeiros e a construção da cidade, séc.XX. Site do Projeto Temático FAPESP, Processo 06/51727-4. Coordenação da profa. Dra. Ana Lúcia Duarte Lanna- FAU-USP: <http://estrangeiros.fau.usp.br>. Neste portal encontram-se valiosas informações sobre a cidade de São Paulo no século XX.

<sup>16</sup> Como aponta, de forma contundente, PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira**. Campinas: Pontes, Associação dos Amigos da História da Arte: CPHA: TFCH: Unicamp, 1998

“Em um dado momento, abandona-se a defesa de uma certa visão da história; deve-se defender a própria história”<sup>17</sup>.

## **REFERÊNCIAS:**

BARDI, Pietro Maria. **Contribuições dos italianos na Arquitetura Brasileira**. Belo Horizonte: Fiat do Brasil, 1981

BASSANEZI, Maria Silvia C. et al. **Atlas da imigração internacional em São Paulo : 1850-1950**. São Paulo: Ed. UNESP e FAPESP, 2008

BRUAND, Yves. “De um Ecletismo sem originalidade à afirmação internacional da Nova Arquitetura Brasileira (1900-1945)”, in **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981

CONSOLMAGNO, Marina. **Fanfulla: perfil de um jornal de colônia, 1893-1915**. Dissertação de mestrado. FFLCH-Usp, 1993

DEBENEDETTI, Emma, SALMONI, Anita. **Arquitetura Italiana em São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1981

FABRIS, Annateresa (org). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel e Edusp, 1987

HOBBSAWM, Eric. **Os Trabalhadores. Estudos sobre a História do Operariado**. São Paulo: Paz e Terra, 2000

\_\_\_\_\_. **Mundos do Trabalho. Novos estudos sobre História Operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

HOMEM, Maria Naclério. **O prédio Martinelli: a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo**. São Paulo: Projeto, 1984

LEITE, Ricardo. **Catedral Metropolitana de campinas. Um templo e sua história**. Campinas: Editora Komedi, 2004

---

<sup>17</sup> THOMPSON, E.P. “A História vista de baixo”, in **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p.196.

LEMOS, Carlos. **Alvenaria burguesa**. São Paulo: Nobel, 1989

\_\_\_\_\_. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993

**Monografia da Catedral de Campinas**. 1ª edição: 1942. 2ª edição: 2007

MONTEIRO, Ana Maria Reis de Góes. **Ramos de Azevedo. Presença e atuação profissional em Campinas**. Campinas: Centro de Memória da Unicamp e Editora Arte Escrita, 2009

**Pareceres dos arquitetos Carlos Lemos e Ruy Ohtake. Processo de tombamento da Catedral Metropolitana de Campinas**. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo- CONDEPHAAT, 14/10/1980

PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira**. Campinas: Pontes, Associação dos Amigos da História da Arte: CPHA: TFCH: Unicamp, 1998

RODRIGUES, Ana Aparecida Villanueva. **Campinas clássica: a Catedral Nossa Senhora da Conceição e o engendramento de uma arquitetura monumental clássica urbana no Brasil (1807-1883)**. Tese de doutoramento em História Social, IFCH-Unicamp, 2010

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: “Belle Époque”**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974

THOMPSON, E.P. **Agenda para uma história radical**. Barcelona: Crítica, 2000

\_\_\_\_\_. “A História vista de baixo”, in **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001

VERMEERSCH, Paula F. “O Eclético em Campinas: patrimônio arquitetônico e historiografia”, in [19&20](#), Rio de Janeiro, v. IV, n. 4, outubro de 2009. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/arte\\_decorativa/ad\\_campinas.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte_decorativa/ad_campinas.htm)

\_\_\_\_\_. “Trabalhadores italianos na construção paulista oitocentista”. Comunicação no III Seminário de História do Café: Café e Cidades, Museu Republicano Convenção de Itu-USP, 2010

### **Fontes Primárias**

**Caderno de Ponto dos Operários.** Obras da Matriz Nova. 1876 a 1883. Acervo do Museu de Arte Sacra da Catedral Metropolitana de Campinas

**Il Brasile i gli italiani.** São Paulo: Pubblicazione del Fanfulla, 1906

**Acervos Consultados**

Museu Arquidiocesano, Campinas

Seção de Obras Raras, Biblioteca Central-Poli

Seção de Obras Raras, Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro

Biblioteca, Casa de Portugal, São Paulo

RECEBIDO EM 23-10-2015

APROVADO EM 24-02-2016